

Memórias (auto)biográficas de docentes da Região Colonial Italiana do RS: o caso de Alice Gasperin e Elvira Dendena¹

(Auto)biographical memoirs of teachers from Italian colonization
region in Rio Grande do Sul, Brazil: Alice Gasperin's and Elvira
Dendena's cases

Terciane Ângela Luchese
terci@terra.com.br

Lucio Kreutz
lkreutz@terra.com.br

Resumo: As professoras Alice Gasperin e Elvira Dendena nasceram, viveram e morreram na chamada Região Colonial Italiana do RS. Filhas de imigrantes italianos, foram, ao longo de suas vidas, docentes de escolas públicas rurais. Cada qual se fez professora mediante as oportunidades surgidas e, com isso, suas histórias de vida possibilitam compreender traços das culturas escolares produzidas e produtoras de sujeitos escolares. Alice Gasperin produziu memórias autobiográficas sobre a sua vida, a comunidade em que viveu, a escola em que foi educada e que também atuou como professora. Elvira Dendena produziu adaptações de textos, poesias, peças teatrais. Sua biografia foi produzida a partir de memórias de familiares, ex-alunos e ex-colegas. Desse modo, as principais fontes documentais para nosso estudo foram os escritos (autobiografia e diários) das próprias professoras, entrevistas, fotografias e outros documentos escritos (ofícios, portarias, relatórios...). Nosso objetivo foi produzir um olhar para as histórias de vida das docentes compreendendo, pelas singularidades, as complexidades vividas, o cotidiano de seus fazeres docentes, a busca pelo aprimoramento, as dificuldades, a dedicação de uma vida pela educação e o reconhecimento conquistado nas comunidades em que viveram. A análise foi construída a partir dos referenciais da História Cultural. As professoras e seus alunos (inter)mediados, numa tessitura de poderes, pelos inspetores, pelas famílias, autoridades políticas e religiosas, foram centrais na instituição das culturas escolares, de fazeres cotidianos, no processo de afirmação da escolarização pública na Região Colonial Italiana. Assim, os resultados da pesquisa contribuem para pensar a pluralidade de processos escolares e culturais no Rio Grande do Sul e no Brasil.

Palavras-chave: docentes, biografia, culturas escolares.

Abstract: Alice Gasperin and Elvira Dendena were born, lived and died in the Italian colonization area in the state of Rio Grande do Sul. Daughters of Italian immigrants, they worked all lives as teachers in rural public schools. Each of them became a teacher through the opportunities given, and their life stories enable us to understand some features from the school cultures that were produced and that are producing school subjects. Alice Gasperin wrote autobiographical memoirs about her life, about the community where she lived, the school where she attended

¹ Uma versão desse texto foi apresentada no III Congresso Internacional de Pesquisa Autobiográfica, Natal, 2008.

and in which she also worked as a teacher. Elvira Dendena wrote adaptations of texts, poems and plays. Her biography was produced based on her family, students and colleagues memories. Thus, the main documentary sources for our study were the writings (autobiography and diaries) by the teachers themselves, beyond interviews, photographs and other written documents (like official letters, decrees, reports...). This article intends to describe the life stories of the two teachers and understand, through their unique features, the complexities experienced, their daily teaching activities, their search for improvement, their difficulties, their dedication of a whole life for education and the recognition they received from their communities. The analysis is based on the theoretical framework of Cultural History. These teachers and their students, (inter)mediated in a given power correlation by the school inspectors, the families, the political and the religious authorities, played a central role in the institution of school cultures, of daily activities and in the process of affirmation of public education in that area of Italian colonization. Then, the results of the research contribute to the reflections on the plurality of educational and cultural processes in Rio Grande do Sul and also in Brazil.

Key words: teachers, biography, school cultures.

Considerações iniciais

A Região Colonial Italiana corresponde aos municípios do nordeste do Estado do Rio Grande do Sul que foram ocupados, majoritariamente, por imigrantes italianos, a partir de 1875. Considerada uma das regiões com maiores índices de alfabetização/anos de estudo do país, a compreensão do processo histórico de sua escolarização nos permite pensar os espaços de educação formal iniciados e desenvolvidos a partir do desenvolvimento da Região.

As histórias de vida dos professores da Região constituem-se numa trama cerzida pelo trabalho cotidiano de estar junto a numerosos grupos de crianças (nas escolas isoladas o número médio foi superior a 40). Essas crianças, com diferentes ritmos de aprendizagem, carregavam consigo expectativas, desejos, dificuldades ou facilidades para adentrar no mundo da escola, e, com isso, adestrar a mão, que trabalhava livre pelos campos, ao espaço reduzido da “tabela”.

É importante frisar que muitos educadores, enquanto crianças, foram alunos, mas, na adolescência, assumiram o cargo de professores, uma alternativa ao trabalho agrícola e, sobretudo, uma possibilidade de

profissão aceita e reconhecida para as mulheres. Desses professores, muitos foram marcados pela vivência da migração, pela diferença na pronúncia do português, pelos gostos e costumes, como os culinários, os religiosos, os do vestuário, os da aparência física, os do modo de ser, conviver e portar-se que se assemelhavam aos seus alunos. Nos fios da trama de vida de alguns docentes, muitas histórias confundem-se, assemelham-se e, também, diferenciam-se.

Este estudo foi possível a partir da análise documental produzida com base nos referenciais da História Cultural e foi tomado no sentido atribuído por Chartier (1990) para tal atividade, que afirma que a mesma “[...] tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler. [...] supõe vários caminhos” (Chartier, 1990, p. 17). A construção desses “caminhos” parte da análise dos escritos das professoras Alice Gasperin e Elvira Dendena. Autobiografia, diários das professoras, entrevistas, fotografias e outros documentos escritos, como ofícios, portarias e relatórios de intendentes, foram utilizados.

A fertilidade no uso de autobiografias e entrevistas, especialmente

na construção das histórias de vida das professoras Alice e Elvira, foi inspirada no tradicional estudo de Nóvoa (1992), assim como o de Catani (1995) e Fischer (2005). Contribuíram para o estudo as pesquisas de Tambara (1998), Tanuri (2000) e Villela (2000). Em diálogo com esses autores, os documentos foram analisados tendo-se como premissa um alerta: “é impossível separar o *eu* profissional do *eu* pessoal” (Nóvoa, 1992, p. 17). Assim o texto foi cerzido trazendo aspectos da cultura escolar, da atuação profissional, mas privilegiando, na medida em que as fontes nos permitiram os contextos pessoais de vida, as trajetórias dessas professoras.

O fazer docente de Alice e Elvira foram intermediados com vozes de um passado sempre presente, como assinala Fischer (2005, p. 10):

O modo como os indivíduos agem - a professora, eu própria - está diretamente relacionado ao modo como eles pensam, e este está sempre arraigado a uma tradição. Portanto, sou eu, enquanto elemento participante dos discursos de minha época, que faço perguntas aos relatos do passado. É, pois, subjetivada pelos enunciados que atravessam o momento de produção, que levanto questões e busco respostas.

Os questionamentos nem sempre puderam ser respondidos, mas os traços, os indícios foram costurados e escritos no sentido de permitirem alguma inteligibilidade e o resultado está na produção deste artigo.

A história de Elvira

Elvira Romagna nasceu em 10 de junho de 1898, na Linha Estrada Geral, em Bento Gonçalves. Filha do imigrante austríaco Matteo Romagna e de Marguerida Capelli. O pai foi construtor de moinhos e moageiro. De estatura média, olhos azuis, sobrinha do professor Faccenda, aprendeu muito com ele. Como sua esposa faleceu jovem, deixando os filhos ainda pequenos, Elvira ajudou a criá-los. Isso permitiu que frequentasse um ambiente culturalmente letrado, aguçando seu desejo pelos estudos.

Recebeu aulas particulares do professor Ângelo Roman Ros, diretor do Colégio Elementar de Bento Gonçalves e estudou também no próprio Colégio. Preparada por esse mestre, Elvira Romagna, aos 17 anos, foi nomeada, pela portaria 195, pelo Intendente Carvalho Júnior, em 26 de junho de 1915, para reger a 18ª aula municipal subvencionada, sita na Linha Leopoldina, 2º distrito.

Ela se estabeleceu numa das dependências da escola na qual lecionaria. Organizando e preparando suas aulas, escrevia sobre as dificuldades encontradas no dia a dia e, na ida à vila para perceber seus vencimentos, aproveitava a ocasião para dirimir as dúvidas, conversando com o Professor Roman Ros. As idas e vindas mensais eram feitas a cavalo.

Elvira trabalhou por três anos nessa primeira escola, pedindo afastamento em 1918. Em 29 de julho de

1918, foi nomeada pelo Intendente de Garibaldi, Manoel Marques da Silva Acauan, para a aula n. 20, localizada em Nossa Senhora do Calvário, na Estrada Geral. Elvira atuou por três anos e nove meses, até 29 de julho de 1922, na escola isolada de Nossa Senhora do Calvário, sendo, a seu pedido, posteriormente exonerada.

Voltou a lecionar três anos depois. Em 25 de março de 1925, o intendente João Baptista Pianca, de Bento Gonçalves, nomeou-a, pela portaria 85, para reger a 11ª aula municipal, na Estrada Buarque de Macedo, n. 31, voltando a residir com os pais.

Em fevereiro de 1927, Elvira casou-se com Seraphin Dendena. As núpcias permitiram que ela conhecesse a capital: Porto Alegre. A viagem foi feita de trem e lá conheceu o bonde, o chalé da Praça XV, a Confeitaria Rocco, o Hipódromo do Moinhos de Vento, entre outros locais que marcaram e lhe abriram horizontes. Do casamento, nasceram as filhas Zélia Helena e Alzira.

Em 28 de junho de 1929, por portaria 122, o Intendente Olinto d'Oliveira Freitas designou Elvira Romagna Dendena para, interinamente, reger a 51ª aula municipal, localizada na Linha Leopoldina, n. 100. O salário era de noventa mil réis (90\$000), mais a gratificação de vinte mil (20\$000), por ela ter anos de exercício do magistério e participar do Curso de Aperfeiçoamento. Desde o casamento, Elvira residia próximo à escola do lote 100 da Linha Leopoldina.

Em 1930, aos 12 de março, por portaria 46, Elvira foi afastada da docência. O motivo desse afastamento foram divergências políticas que Seraphin, marido de Elvira, tinha com a nova configuração política do Município/Estado/País.

No domingo seguinte ao afastamento, as famílias reuniram-se, após a reza do terço, na escola, juntamente com os fabriqueiros² da capela, para discutirem o problema da professora. Escreveu Zélia Sampaio “[...] na escola, sim, pois ela pertencia à comunidade, construída por ela, e todos tinham acesso para o que pudessem precisar” (Sampaio, s.d.). A decisão do grupo foi a de que a professora Elvira continuaria atendendo os alunos a despeito da decisão da Intendência. O pagamento pelo seu trabalho seria encargo dos pais com frutas, aves, ovos, farinha e outros mantimentos de que dispusessem. Assim permaneceu a comunidade até 1935, quando, por portaria n. 30, de 1º de março, Elvira foi nomeada novamente para reger a escola do lote 100 da Linha Leopoldina. Das lembranças e memórias do trabalho da professora Elvira, o relato de Francisco Ezelino Tártero, ressalta algumas temáticas referendadas em sua fala. Descreve como a professora utilizava premiações e pequenos dizeres para mostrar a retidão, a moralidade, além de aconselhar sobre a importância dos estudos e de boas atitudes:

Ela nem sempre dava santinhos escritos para todos. Para alguns adiantamentos ela já dava medalhinhas. [...] Veja a letra dela. Com as canetas do tempo, a letra parece uma estampa. Neste aqui ela escreveu: “Siga o caminho da virtude e será abençoado”. Neste outro: “Não abandone os livros e lembra-te que são como mãos que conduzem o parto”.

[...] A professora sempre tinha ditos ou máximas apropriados às necessidades do momento. Nas minhas decisões, sempre me vem à mente alguma conveniente. Para alguém que costumava pechinchar: “Quel li el vol la mussa e anca i trenta soldi” [ou seja, aquele

² O termo fabriqueiro é utilizado referindo-se àqueles que eram responsáveis por cuidar dos bens, móveis e paramentos, da administração interna das capelas.

ali quer o animal, a mula e o dinheiro também]. Outro era “tutti i groppi riva il pètene” [todos os nós chegam ao pente] para dizer que ninguém ficava impune. Outro era “fã debit qui gá el crédit” [faz dívidas, débitos quem tem crédito]. Ela explicava que para perder era preciso ter, e muitos outros provérbios ela dizia e explicava: “O mundo para ser bonito tem que ter de tudo, mas não queira ser tu o pior”; “Deus ajuda quem cedo madruga”; “Guarda o que comer, mas não o que fazer”; “Vivei unidos para não serdes derrotados”. Ela sabia levar-nos a refletir parábolas da Seleta e outras sentenças que os antigos passavam de pai para filho (Tártero, 1985, depoimento).

Destacamos o fato de que Elvira trabalhava numa escola isolada, rural, com alunos de diferentes adiantamentos, mas utilizava uma metodologia de ensino pautada no concreto, nas vivências dos alunos que, passadas décadas, continuavam lembrando-se de sua maneira de ensinar. Essa forma de trabalho era reconhecida pelas famílias da comunidade da Linha Leopoldina, que a tinham como conselheira, líder comunitária e religiosa. Memórias das apresentações, das festividades, do ritual do exame final foram recorrentes nos entrevistados. Tártero relata com riqueza de detalhes os momentos vividos na infância junto à escola da professora Elvira. Com relação às brincadeiras e ao tempo do recreio, rememorou que

Os recreios a gente tinha uns vinte minutos de intervalo para comer a merenda, fazer as necessidades e brincar. Os guris tinham suas brincadeiras. As meninas brincavam de roda, de corda-e-salto ou outros como ovo podre. Enquanto isso, a professora ia até em casa para atizar o fogo. Depois, às vezes, ela mandava um de nós ver se o fogo estava bem. Naquele tempo, usava-se o fogão a lenha e todo o cuidado era necessário para não provocar incêndio. A casa dela era de madeira. [...] (Tártero, 1985, depoimento).

É preciso acrescentar que a professora Elvira foi, também, responsável pelo ensino do catecismo, a doutrina, como chamavam. Conhecida por “Vireta”, mas chamada preferencialmente de “*La Maestra*” por muitos, Elvira trabalhou como professora por mais de 36 anos e, por Decreto de 24 de junho de 1952, do prefeito Arthur Ziegler, aposentou-se como professora do Quadro Especial. Elvira faleceu em 26 de junho de 1980, aos 82 anos.

A história de Alice

Alice Gasperin, filha de imigrantes italianos, nasceu na localidade do Barracão (o nome permaneceu como referência ao barraco que abrigava os imigrantes recém-chegados), em Bento Gonçalves. Ainda pequena mudou-se com a família para a Linha Sertorina, a poucos quilômetros dali, mas pertencente ao município de Caxias do Sul. Em seus relatos autobiográficos, escreveu sobre a infância, a família, a escola, a comunidade e como se tornou professora da comunidade em que vivia. Sobre o início de sua escolarização, registrou:

Em 1913, no começo do ano letivo, cinco meses após o falecimento do papai, comecei a freqüentar a escola. Tinha apenas seis anos. Naquele tempo, talvez pelas frequentes faltas dos alunos em vista dos trabalhos da lavoura, o ensino era individual. Cada aluno tinha o seu aproveitamento de acordo com a freqüência. Muito dependia também da vontade de aprender de cada um, ou do incentivo e interesse dos pais. A escola ficava perto da nossa casa, dentro do nosso terreno. Mamãe comprou-me um par de tamanquinhos. A professora era uma senhora italiana, chamada Camila Roncaronni. [...] Veio para a colônia italiana de Caxias e apresentou-se na Prefeitura Municipal como professora. Mandaram-na

na Sertorina, porque lá estava vago o cargo.

No prédio da escola da Sertorina havia também moradia para o professor.

Tinha a sala de aula, um quarto, uma saleta e pelos fundos um puxado do comprimento do prédio. Ao final do puxado, um outro quartinho. Um pouco afastada do prédio, uma pequena cozinha com a lareira de terra socada. Lecionava em língua italiana. [...] A ‘maestrona’ só falava italiano. Os livros todos italianos. Eu nem podia achar estranho, porque não sabia da existência de outras línguas. Sabia que éramos italianos, porque assim diziam os pais em casa. Frequentei só pouco tempo a escola da ‘maestrona’. Não aprendi nada. (Gasperin, 1984, p. 113-116).

Na sequência de seu relato explica a importância do professor, uma vez que a “*maestrona*” fora substituída por uma professora que falava e ensinava o português, com quem ela “realmente teria aprendido”. Alice indica, em suas memórias, questões interessantes como o problema da frequência, da falta/inexistência de preparo de muitos professores, o ensino em língua italiana (provavelmente o dialeto vênето), a responsabilidade assumida por cada aluno na sua aprendizagem, o professor vivendo nas comunidades. Em suas lembranças, afirma que as “[...] crianças em algazarra iam e voltavam da escola, que ficava perto de nossa casa, praticamente dentro da nossa propriedade. Por todos os lados, movimento e alegria” (Gasperin, 1989, p. 26). A substituição da “*maestrona*” foi contada:

Pouco tempo depois veio outra professora. Moça bonita, distinta. Na escola falava e ensinava em português. Eu gostava muito de ir à escola. Comecei logo a aprender. Passei na frente da Azelina [irmã mais velha] e ganhei o segundo livro antes do que ela. O ensino era individual quanto

à leitura. Ditado e contas fazíamos em conjunto. As contas ia (sic) bem, aprendi com facilidade a tabuada. Preparava à risca os meus deveres. A professora se chamava Epiphania Loss, apelidada de Fany. Muito boa professora. Cumpridora de sua missão, embora não estivesse bem preparada. O que sabia, ensinava (Gasperin, 1984, p. 117).

Alice, avaliando ainda os conhecimentos trabalhados em sala de aula, recordou que:

A professora sabia pouco. Naquele tempo, era suficiente que as crianças aprendessem a ler e escrever, isto é, caligrafia e ditado, e fazer as quatro operações de números inteiros. Ela tinha boa vontade. Mandava-nos decorar tudo, sem explicar nada. Geografia sabíamos bem. Tínhamos a de Souza Lobo, que continha mapas do Brasil e do Rio Grande do Sul, bem como atlas dos demais continentes. [...] Mandava-nos decorar e também localizar tudo nos mapas. Usávamos uma História do Brasil com perguntas e respostas. Eu sabia mais da metade da história, tudo decorado. Sabia responder qualquer pergunta de acordo com o livro. Ciências, nunca ouvi falar. Gramática, usávamos a de Clemente Pinto. Sabia substantivos, singular, plural, gêneros, adjetivos, verbos regulares e auxiliares, ser e estar e nada mais. [...] Nunca fizemos redação, nem escrevamos frases. [...] Ditado tudo certo. Eu tinha uma certa prática de escrever cartas, porque mamãe escrevia e recebia cartas de seus parentes que moravam longe. Nós as líamos também. Em matemática eu tinha facilidade. Era rápida em tabuada. Sabia fazer as contas das quatro operações com números inteiros, com as respectivas provas. Mas aprendi mais com a mamãe do que com a professora (Gasperin, 1984, p. 123-124).

O ensino era individual, pautado na memorização, enfatizando o que se acreditava como essencial: a leitu-

ra, as principais noções matemáticas e a escrita. Afora algumas noções de história e geografia, noções de civismo também foram trabalhadas. Conforme Alice, ela gostava de ir à escola, mas as dificuldades com que a mãe, viúva, lutava para manter os filhos frequentando a escola, transparecem de forma recorrente em seu relato. A falta de roupas foi um dos obstáculos enfrentado:

Eu gostava de ir à escola. Sentia muito, quando por alguma necessidade, tivesse que perder aula. Certo dia, já noite, mamãe disse-me que no dia seguinte não poderia ir à escola, porque o vestidinho que tinha no corpo estava sujo. A professora era exigente quanto à higiene. O vestidinho que eu usava para ir à escola, como também o vestidinho domingueiro, tinham sido lavados e não secaram. Chorei. Mas, conformei-me. [...] De manhã, ao clarear do dia, mamãe acordou-me para que levantasse logo. Apressei-me e fui na sala da cozinha. Mamãe estava costurando um vestidinho novo e chamou-me para experimentá-lo. [...] Na hora de ir para a escola, o meu vestidinho novo estava pronto, com botões e tudo. Felicíssima, não perdi aula (Gasperin, 1984, p. 72).

Alice comentou sobre a importância do trabalho agrícola, somado à ida à escola, as tarefas que ela e os irmãos assumiam diariamente, dando conta de auxiliar a mãe. Note-se ainda o apoio da família ao trabalho dos professores. Na cobrança para que as crianças realizassem também as tarefas de aula, e no castigo duplo, na escola e em casa, quando não tivessem bom comportamento. Ressalta que “[...] nunca ia dormir sem saber as minhas lições [...] Mamãe sempre dizia que perdoava se fossemos castigados por não sabermos as lições, porque às vezes a inteligência não ajudava. Mas se fossemos castigados por distração ou mau comportamento, ela nos castigaria também” (Gasperin, 1984, p. 75).

Tendo frequentado cerca de seis anos de escola, Alice e todas as demais crianças e jovens ficaram sem poder continuar os estudos. A saída da professora Ephifania, em consequência de seu casamento, deixou a escola vaga. Segundo Alice, pessoas da comunidade organizaram-se para reclamarem em Caxias do Sul, junto à Intendência, mas a resposta obtida era a de que não havia professores disponíveis. Reunidos na comunidade, os pais decidiram que alguém entre eles poderia assumir o cargo. Sugeriram então que Alice fosse indicada. Registrou ela:

[...] A comissão insistiu com mamãe para que disséssemos que eu tinha quinze anos, em vez de treze. Assim, o presidente da comissão, Antônio Cirelli, propôs que mamãe e eu fôssemos a Caxias. Ele nos acompanharia, porque tinha prática da cidade. Eu teria que me submeter a um exame. Embarcamos no trem em Nova Sardenha. [...] Na manhã seguinte eu e mamãe apresentamo-nos na Prefeitura Municipal. O Inspetor Escolar mandou-me fazer uma cópia. Saí-me bem porque minha letra não era das piores. Depois um ditado. Também me saí bem. Estava mais ou menos firme no ditado. Perguntou-me os nomes dos Estados e das capitais do Brasil e, também soube responder com segurança. Por fim, perguntou-me se sabia fazer as quatro operações e respondi afirmativamente. “Pode começar a trabalhar segunda-feira. Ordenado 60\$000, sessenta mil réis mensais”, disse-me ele. Aquela segunda-feira era o dia 19 de abril de 1920. Saímos da prefeitura [...] ao descer a escada externa mamãe olhou para mim e sorriu. [...] Chegadas que fomos em casa, todos me admiravam. Nova assim e ser aprovada professora em Caxias. Mamãe comprou-me logo um dicionário e um secretário [livro com modelos de cartas], livros que ainda conservo, e disse-me: “Procura trabalhar bem porque serás responsável pelo bem ou pelo mal dos alunos” (Gasperin, 1984, p. 125).

Aos 13 anos de idade, Alice foi transformada em professora. Foi aprovada numa seleção em que bastava saber o que se acreditava ser necessário ensinar. E ela registrou as angústias advindas de reconhecer quão pouco sabia para o exercício da docência. Durante os primeiros anos, seguiu o modelo aprendido com sua professora Fany, mas queria aperfeiçoar-se, procurando aulas particulares em Bento Gonçalves com o professor Felix Faccenda:

Em Bento havia um professor público que também dava aulas particulares, tanto durante o ano letivo como nas férias. [...] hospedada na casa dele por um mês. [...] Posso dizer que me tratou como filha. Só me lecionou matemática e português. Comecei a fazer redação. Encontrei dificuldade, porque não tinha experiência alguma. Falta de prática e de leitura. Em aritmética, aprendi frações decimais, sistema métrico, com todos os problemas e frações ordinárias do livro de Souza Lobo. Quando cheguei em casa, passei a limpo todos os exercícios e todos os problemas, para não esquecer, [...] Comprei livros. [...] Em três ou quatro férias aprendi toda a matemática de Souza Lobo. Passei a limpo todos os exercícios, problemas, fórmulas. Também a Geometria, com todas as fórmulas e problemas. [...] O professor além da redação diária, mandava fazer requerimentos, comunicações, cartas familiares e comerciais. Com esses três ou quatro meses de aulas nas férias, defendi-me lecionando vinte e quatro anos na Sertorina (Gasperin, 1984, p. 126).

Em 1928, iniciou-se um trabalho de verificação dos conhecimentos dos professores que atuavam no município de Caxias do Sul. Alice precisou, para manter-se no cargo, realizar os exames, conforme seu relato:

A Prefeitura Municipal de Caxias, dois anos seguidos, convocou os professores municipais a prestar exame,

a fim de saber ou conhecer o nível técnico dos mesmos. No primeiro ano convocaram uns poucos de cada vez. O exame era feito numa pequena sala da Prefeitura. [...] Nos anos seguintes convocaram todos os professores ao mesmo tempo e no mesmo dia. [...] Éramos mais ou menos uns oitenta professores, incluídos os da cidade que trabalhavam no interior. [...] Em Caxias hospedamo-nos num hotel já conhecido. Havia outros professores no mesmo hotel e fizemos amizades. [...] Enquanto estávamos aguardando na escadaria da Prefeitura, chegaram outras colegas. Todas bem vestidas. [...] Juntamo-nos todas e dirigimo-nos a um casarão. [...] De manhã prestamos a parte escrita de português e matemática, e de tarde a parte oral, incluindo Geografia e História. [...] Em português caiu ditado, verbos, análise gramatical de uma frase que incluía todas as partes principais da gramática e por fim uma redação. O tema da redação era uma carta sobre o dever do Mestre. Em matemática caíram problemas com números inteiros, sistema métrico e frações ordinárias. Em História, capitânicas e governadores do Brasil, geografia física e política. [...] No fim dos exames, já no final da tarde, percebi que a Comissão Examinadora passava de mão em mão, entre si, uma das provas. Por fim, a presidente da Comissão disse em voz alta: “A professora Alice Gasperin faça o favor de levantar-se”. [...] A professora que me mandou levantar anunciou: “A sua prova é excelente, está em primeiro lugar. Tanto no ano passado como agora, a senhora conservou o primeiro lugar.” Eu nem sabia que tinha tirado o primeiro lugar no ano anterior. Nem sei se cheguei a agradecer de tanto que tremia. [...] Eu comprava livros e gostava de ler, mas não lia com muita atenção porque estava mais interessada no enredo. Tinha pouco tempo. De manhã lecionava sempre com muitos alunos e de tarde bordava para fora, atendendo as freguesas (Gasperin, 1984, p. 131-133).

Mesmo obtendo distinção entre os demais professores, Alice revelou que pouco tempo tinha para aprofundar os estudos. Para garantir uma condição salarial melhor, ela conciliava o trabalho de ensinar com o de bordadeira. Mas não se contentou em parar de estudar. Na década de 1930, Alice resolveu fazer as provas do Curso Complementar, em Caxias do Sul, a fim de garantir o reconhecimento oficial da profissão docente que exercia há mais de uma década. Com o objetivo de preparar-se, buscou novamente as aulas particulares com Felix:

Procurei o professor Faccenda para ver se ele poderia reservar-me uma tarde por semana. Ele riu. Perguntou-me o que eu pensava aprender em tão pouco tempo. Respondi-lhe que eu pretendia aprender a escrever direito. Para aprender a escrever, disse-me ele, é preciso ler muito e livros de bons autores e prestar atenção como eles escrevem. [...] O professor Faccenda mandava-me fazer redação, análise lógica, requerimentos, ofícios, cartas comerciais e familiares etc. [...] me ensinava Português, Francês e Matemática. [...] Como eu estivesse bem em Matemática, o professor perguntou-me se eu não queria aprender Contabilidade, parte prática. Aceitei (Gasperin, 1984, p. 134-136).

Alice preocupou-se, como muitos outros professores, em buscar cursos de aperfeiçoamento, atuando na docência por 45 anos. Na comunidade, desde cedo reconhecida e admirada, ensinou o catecismo:

Comecei a ensinar o catecismo na Igreja, aos domingos à tarde. Fiz isso na Igreja da Sertorina por vinte longos anos, sem remuneração alguma. [...] Costumava ir cedo à capela, a fim de observar as crianças, todos meus alunos, enquanto brincavam no adro da igreja. Homens em grupos falavam sobre seus trabalhos semanais; mulheres com crianças no colo, ou agarrados

às saias, ajuntavam-se à sombra dos plátanos para conversar sobre os seus filhos e suas preocupações. Namorados chegavam para o esperado encontro semanal. [...] Eu era a professora, acatada e respeitada (Gasperin, 1989, p. 31).

Eu mesma, ensinava na escola diariamente as orações em português por obrigatoriedade da língua de escola municipal, mas na igreja ensinava o catecismo em italiano. Os padres sempre foram italianos e se dirigiam ao povo e às crianças no seu idioma (Gasperin, 1989, p. 52).

Não apenas foi acatada como a autoridade local que detinha o saber, mas também procurada por muitos em busca de um conselho ou opinião. As leituras, os cantos litúrgicos e a condução de terços foram por ela coordenados. Foi bastante requisitada pelas famílias no momento dos negócios (como compra e venda de terras), para que os aconselhasse.

Considerações finais

Sem dúvida, a dinâmica de vida das histórias dessas professoras e de cada um dos muitos que atuaram na Região Colonial Italiana, persistindo por décadas no exercício da profissão ou abandonando-o, por razões diversas, é reveladora da riqueza cotidiana. Foram esforços, jogos de poder, sonhos, desafios de um fazer docente pautado em práticas empíricas, em possibilidades criativas e inventivas. No engendramento do ensinar e do aprender, é possível inferir sobre as semelhanças nas condições e nas dificuldades enfrentadas por todos os professores da Região.

Esforços para superar distâncias a serem percorridas até as escolas rurais, em atualizar-se e frequentar cursos de aperfeiçoamento – na sua maioria oferecidos em épocas de recesso escolar. Jogos de poder

entre professoras e inspetores que visitavam com certa frequência as escolas, bem como as autoridades locais que poderiam ou não subvencionar a escola, nomear, transferir ou simplesmente retirar o professor de uma escola por divergências, inclusive políticas, como foi o caso de Elvira.

As narrativas de vida dessas professoras revelam sonhos de vida, de profissão. Cada professor buscou na docência possibilidades de viver melhor e, certamente, muitos acreditaram que pelo seu trabalho produziram melhores condições para seus próprios alunos. Outro sonho que tanto Alice como Elvira buscaram foi o de superar a condição que socialmente lhes era destinada enquanto mulheres – dona de casa. Ambas puderam, enquanto docentes, estudar, ter uma profissão, circular por outros espaços e ser admiradas enquanto *maestras*.

É importante referir também que muitos professores constituíram-se em um elo de ligação entre as autoridades políticas e as comunidades. Representações, ofícios, formação de comissões para angariar uma determinada condição ou melhoria almejada pelo grupo foram, em muitos casos, atos liderados pelos professores. De outro modo, também foram eles que, em sua maioria, assumiram o ensino do catecismo e, a partir daí, conseguiram o apoio por parte dos padres na sua atuação junto às comunidades. Se o padre foi muito respeitado, ouvido e temido pelas famílias, de certa forma o foi, também, o professor.

As histórias de vida de Elvira e Alice mostram as trajetórias individuais, mas também aspectos comuns entre elas. Além da obviedade da docência feminina, ambas viveram uma infância atravessada pela presença de livros e ou pessoas que liam com certa frequência. Frequentaram a es-

cola por poucos anos, mas, para além dela, fizeram estudos paralelos e, por vezes, como autodidatas. Elvira constituiu família, enquanto que Alice, fazendo do magistério vocação e sacerdócio, se dedicou integralmente ao ensino. Outra similitude está no fato de ambas terem atuado muito tempo de suas vidas em escolas de zona rural e terem se aposentado, após décadas de trabalho, como professoras. Por fim, ressalva-se a condição de grande respeito e admiração conquistada por ambas nas comunidades em que atuaram.

O professor, perante as famílias, identificava-se pelas referências culturais, pela distinção como o detentor do saber. Visto como um exemplo para as novas gerações, as famílias com frequência, no interior especialmente, o presenteavam com o que de melhor possuíam. As histórias de vida de Alice e Elvira permitem pensar sobre esses aspectos.

Referências

- CATANI, D. 1995. Memória e biografia: o poder do relato e o relato do poder na história da educação. In: J. GONDRA (org.), *Pesquisa Histórica: retratos da educação no Brasil*. Rio de Janeiro, UERJ, 128 p.
- CHARTIER, R. 1990. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro, Ed. Bertrand, 245 p.
- FISCHER, B.T.D. 2005. *Professoras: histórias e discursos de um passado presente*. Pelotas, Seiva Publicações, 304 p.
- GASPERIN, A. 1989. *Farrroupilha: ex-colônia particular Sertorina*. Caxias do Sul, Ed. do Autor, 284 p.
- GASPERIN, A. 1984. *Vão Simbora: relato de imigrantes italianos da Colônia Princesa Dona Isabel do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre/Caxias do Sul, EST/EDUCS, 265 p.
- NÓVOA, A. 1992. *Vidas de professores*. Porto, Porto Editora, 216 p.
- SAMPAIO, Z.D.A. [s.d.]. Manuscrito. [s.l.], [s.n].
- TAMBARA, E. 1998. Profissionalização, escola normal e feminilização: magistério sul-rio-grandense de instrução pública

- no século XIX. *História da Educação*, 2(3):35-57.
- TANURI, L.M. 2000. História da formação de professores. *Revista Brasileira de Educação*, 14:61-88.
- TÁRTERO, F.E. 1985. Entrevista concedida a Zélia Dendena Arnaud Sampaio. Manuscrito. Bento Gonçalves, janeiro.
- VILLELA, H. de O.S. 2000. O mestre-escola e a professora. In: E.M.T. LOPES; L.M. FARIA FILHO; C.G. VEIGA, *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte, Autêntica, p. 95-134.
- Submetido em: 19/05/2009
Aceito em: 28/09/2009

Terciane Ângela Luchese
Universidade de Caxias do Sul
Programa de Pós-Graduação em
Educação, Bloco E
Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130
95070-560, Caxias do Sul, RS, Brasil

Lucio Kreutz
Universidade de Caxias do Sul
Programa de Pós-Graduação em
Educação, Bloco E
Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130
95070-560, Caxias do Sul, RS, Brasil